

UMA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA (continuação)

Thomas Ransom Giles

III. O Existente A-Predicamental

A. Uma Determinação Analítica do Existente A-Predicamental

Com o modo existencial do existente-predicamental em-situação-no-mundo, o problema da própria realidade e comprovabilidade do mundo, no sentido tradicional de ponto de partida, desvenda-se enquanto problema aparente, pois como já constatamos, só há compreensão do Ser em geral enquanto há o existente-predicamental em-situação-no-mundo, já que é apenas a partir da irrupção do existente-predicamental em-situação na totalidade dos existentes, que se descobre o existente como tal, naquilo que ele é em seu modo de Ser, e portanto, o ser do mundo, ou seja, o mundo na sua mundaneidade reveladora e esclarecedora da existência do próprio existente-predicamental.

Aliás, é a irrupção do existente-predicamental na totalidade dos existentes que em primeiro lugar colabora a seu modo para que o existente chegue a si mesmo no seu ser. Vale dizer que o mundo é dado originariamente com a existência do existente-predicamental numa determinada perceptibilidade e abertura. É dentro dessa abertura que o ser do existente-predicamental se revela.

A própria referência ao mundo, que impera através de todos os empreendimentos do existente-predicamental, faz com que ele procure, não apenas outros existentes-predicamentais, mas também e correlativamente o existente a-predicamental, para, conforme seu conteúdo essencial e seu modo de ser, transformá-lo em objeto de investigação e determinação fundante em termos de um não-eu organizado ou seja de um sistema global e referencial.

É o existente-predicamental quem consuma a referência do Ser a êsse sistema global que é o mundo. O que não quer dizer, evidentemente, que seja o existente-predicamental que o produz nem que o efetua. O existente-predicamental apenas o restitui ao Ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser.

Esse ato de restituir é de certo o que há de mais simples e elevado, por afetar a referência do Ser como totalidade ao existente-predicamental. Essa referência permaneceria oculta onde dominasse a subjetividade, e a própria Ontologia, decaída quase inevitavelmente de seu elemento continuaria a recusar-nos a entrada na casa da Verdade do Ser, e o próprio pensamento se entregaria simplesmente como um instrumento para o domínio do existente, do nosso querer caprichoso e das nossas atividades banais.

Caso o existente-predicamental ainda possa encontrar o caminho da proximidade do Ser, terá de aprender primeiro a existir no inefável que é esse contexto referencial, constitutivo dessa mesma existência; terá que se deixar apelar de

portanto o ser tal como êle é. Isto porque a possibilidade, defendida por Kant, de se sustentar, ao mesmo tempo, tese e antítese, pois os opostos parecem não se excluir mutuamente, significa que temos de renunciar ao absoluto.

Ora, Hegel estabelece um enunciado sobre o próprio ser. Nestes termos, como êle mesmo o diz (Wiss. d. Log. p. 39), a dialética, anteriormente dada como uma parte separada da lógica, como um procedimento extrínseco e negativo, surge agora como um procedimento pertencente ao próprio ser. Em outras palavras, as limitações do entendimento devem, não ser recusadas, mas remetidas ao absoluto. Sua relação com o absoluto e o movimento no qual cada determinação mostrará que ela transgrediu seus limites, que não se pode pensar mais em termos de finitude.

Vemos assim as vicissitudes por que passa a dialética. Em Aristóteles, a realidade una é fundamento do discurso verdadeiro. A dialética, a este nível, é secundária. A sistematização do real cabe à analítica. Com Kant, a dialética abandona o nível linguístico e, atingindo o plano transcendental, participa da natureza da razão, possibilitando, embora numa dimensão limitada, a única sistematização possível da totalidade onde as idéias transcendentais se constituem em princípios eurísticos. Finalmente, com Hegel a superação do problema da síntese e da unidade sintética, no campo do conhecimento, leva a questão para o campo da própria consciência individual nas suas relações com a totalidade das manifestações existentes. O movimento de negação dos conceitos e sua superação passa a ser não o movimento do aparente, mas da própria essência da consciência. Com isto, a dialética despreza a lógica analítica formal e se constitui na única capaz de fornecer a sistematização universal.

nôvo pelo Ser, mesmo com o risco de, como Heidegger nos diz em ÜBER DEN HUMANISMUS , ter pouco ou ter raramente algo a dizer. Sòmente assim se restituirá ao mundo a preciosidade de sua mundaneidade e a si a habitação para morar na Verdade do Ser.

B. O Ser do Existente A-Predicamental

Se o Ser continua a esperar que êle mesmo se torne para o existente-predicamental digno de ser pensado, a particular referência ao mundo que caracteriza a irrupção do existente-predicamental na totalidade dos existentes em vistas da determinabilidade do seu ser, essa irrupção caracteriza os próprios modos existenciais que são estruturalmente constitutivos do ser do existente-predicamental e o rege. Porém nos os entendemos plenamente apenas quando vemos e compreendemos o que acontece na referência ao existente a-predicamental assim referenciado. Pois, a existência do existente-predicamental caracteriza-se por uma preocupação referencial com respeito ao existente a-predicamental, preocupação essa que verificamos sob diversas modalidades.

A preocupação orientada para o existente a-predicamental evidencia-se primordialmente sob a modalidade da estrutura existencial do existente-predicamental que é a Compreensão. Evidentemente, não será no ato de uma compreensão isolada ou seja teórica, que devemos procurar o índice dessa preocupação, e sim na Compreensão-Práxis, ou seja, no uso, no emprêgo que o existente-predicamental faz do existente a-predicamental na sua vida, na sua existência comum. Pois, a compreensão teórica, e mesmo científica, é apenas um modo especial da Compreensão enquanto modo estrutural do próprio existente-predicamental em-situação-no-mundo. Portanto, mesmo essa forma derivada já pressupõe o mundo.

A referência do mundo ao existente a-predicamental é sustentada e conduzida por um comportamento do existente-predicamental em que até a atividade pré e extra-científica do existente-predicamental possui um determinado comportamento para com o existente a-predicamental.

Quando perguntamos em que consiste o ser do existente a-predicamental, enquanto objeto da práxis, deparamo-nos com duas respostas possíveis. Para uns é a realidade, no sentido da materialidade (substancialidade) que constitui o ser do existente a-predicamental, e explica-se pela extensão; para outros, o existente a-predicamental é um objeto de valor.

Porém, na práxis quotidiana, o existente a-predicamental não nos é dado primeiramente, nem como simples objeto material, nem como simples objeto de valor. Partir de um ou de outro destes dois conceitos, seria, portanto passar ao lado do caráter típico e específico do existente a-predicamental.

É pela palavra PRAGMA que os gregos designavam o existente a-predicamental, intimando que a essência do existente a-predicamental é fundamentalmente PRAXIS. Neste caso, como em outros casos análogos, a volta às origens gregas dos termos nos proporciona índices que esclarecem a problemática filosófica, como Heidegger nos diz num curso sòbre a Lógica ministrado no semestre de verão de 1944:

Wer mitdenkt wird merken, das wir nicht von blossen Wörten Bedeutungen abschöpfen, um eine Philosophie daraus zu bauen. Die blossen Ethymologien werden zu Spielerein, wenn nicht ihr Bezug zu dem genannten schon zuinnerst geprüft ist.

Apontando para o existente a-predicamental, mediante a palavra PRAGMA, os gregos queriam mostrar que se tratava primeiramente, e de maneira habitual, do existente a-predicamental como instrumento cujo ser consiste precisamente na sua funcionalidade referencial como relação ao existente-predicamental.

Nessa perspectiva, entende-se porque o existente a-predicamental não pode existir e nem ser pensado como realidade isolada, pois seu próprio ser é um ser referencial. O existente a-predicamental não pode ser considerado a não ser no interior de um contexto referencial, que pressupõe necessariamente, um complexo que não é um simples agregado de existentes-predicamentais e a-predicamentais.

Como a idéia de um existente a-predicamental único e isolado seria uma impossibilidade ontológica, também a de um existente-predicamental isolado não teria sentido. O ser do existente a-predicamental é duplamente ligado à constituição de um sistema coordenado de existentes a-predicamentais e à própria existência do existente-predicamental.

É esse modo referencial do existente a-predicamental que revela o seu ser enquanto natureza imediatamente prática e dependência ontológica sobre o ato de valorização por parte do existente-predicamental. Pois, o único sentido original que têm os existentes a-predicamentais é prático. O sentido teórico que costumamos considerar objetivo ou científico é, como já vimos, derivado, já que a ciência aponta apenas para o valor eurístico do existente a-predicamental e executa a intenção já presente em todo método de análise conseqüentemente racional de pensar até o fim sua própria racionalidade dentro de um sistema de coordenados existentes-predicamentais, existentes a-predicamentais.

A caracterização da Compreensão como teoria, e a sua subsequente determinação como atitude «teórica», já se processam dentro da interpretação «técnica» do pensar. É um esforço reativo, visando, como Heidegger nos diz, preservar-se autônoma face ao fazer e agir, empreendimento que sabemos ser impossível.

O existente a-predicamental é, graças às relações de coerência que o ultrapassam, sistema de relações que se apresentam num horizonte de outros sistemas possíveis. É dentro desse horizonte que o mundo, ou seja o sistema global de tais relações se nos apresenta.

C. A Referencialidade do Existente A-Predicamental

O existente a-predicamental é determinado no seu próprio ser pela referencialidade em termos da unidade ontológica constitutiva do conjunto referencial. Alcançamos esse conjunto referencial só quando a sua deturpação atrai a nossa atenção, e a estrutura ontológica desse complexo só no pensamento reflexivo, pois as referências constitutivas do mundo não são compreendidas de modo geral, explicitamente, tematicamente. Portanto, torna-se necessária essa analítica fenomenológica da própria referencialidade do existente-predicamental.

Por seu próprio ser, todo existente a-predicamental é algo que **serve para**... As diversas modalidades de servir para por sua vez caracterizam o **para quê** (o sentido) do existente a-predicamental. Os diversos existentes a-predicamentais são ligados entre si no seu **para quê**, e formam assim um complexo.

A estrutura da relação referencial vislumbrada pelos termos **servir para** implica numa referência necessária em termos do referente, **para algo**. Portanto, nossa

analítica fenomenológica deve partir da realidade dêsse conjunto referencial, ou seja, do sistema global de referências que é o mundo para entender a mundaneidade do mundo.

Cada existente a-predicamental como tal é determinado pela sua correlação com os demais existentes. Por exemplo, numa sala, não reconhecemos primeiro uma mesa, depois uma cadeira, depois um tapete, etc. como objetos isolados, que, reunidos, formam a unidade que é a sala. Encontramos primeiramente a sala como tal. Só porque descobrimos esta sala é que podemos compreender o que é mesa, cadeira, tapete. O que não quer dizer que devemos ser explicitamente orientados para a sala como tal. Todavia, é preciso que haja certa pré-compreensão do que significa o termo «sala» para que possamos tomar consciência do que há nela, pois os objetos que nela encontramos não são determinados em última análise a não ser pelo fato de lhe pertencerem.

Aliás, essa compreensão da sala, por exemplo, difere totalmente de qualquer conhecimento teórico em que teríamos, primeiro, um espaço geométrico, que encheríamos de objetos, de modo a constituir progressivamente a sala tal como a vemos numa visão global. No início, compreendemos a sala igualmente como um existente a-predicamental utensílio, como algo que serve para ser habitado. Daí, vemos que um existente a-predicamental particular não pode ser descoberto e compreendido a não ser a partir de um complexo unitário, complexo que deve ser pré-descoberto por assim dizer.

Na vida quotidiana, descobrimos os existentes a-predicamentais por meio de uma compreensão orientada para nossas preocupações diárias. Por exemplo, usamos uma caneta sem saber explicitamente qual é a maneira de ser dela. Não a olhamos de maneira teórica, como um existente que simplesmente está aí. Tomamo-la em mãos e a utilizamos. É utilizando-a desta maneira que o existente a-predicamental se apropria dêste existente a-predicamental de modo mais adequado, pois, afinal, a caneta não está aí para ser contemplada.

Quando dissemos que nossa compreensão habitual do existente a-predicamental não é primeiramente teórica, para depois tornar-se prática, não pretendíamos afirmar que à preocupação quotidiana faltava uma certa perspectiva intelectual (TEORIA), e sim, que possui uma perspectiva que lhe é particular, que revela a referência fundamental do existente a-predicamental utensílio, a referência do **para quê**. A existência quotidiana usa o existente a-predicamental conforme esta referência que se manifesta no **servir para**. O que quer dizer que a atitude prática não é a-teórica, mas que possui de fato uma perspectiva todo especial.

O existente-predicamental não está primeira e distintamente em relacionamento com o existente a-predicamental utensílio, e sim com a **obra**, com uma tarefa mais ou menos bem definida. Ocupando-se da obra ou da tarefa que deve realizar, é que o existente-predicamental será levado a reconhecer a unidade referencial do conjunto global, unidade essa que a própria obra parece exigir. É a obra projetada que orienta a descoberta do existente a-predicamental utensílio na sua referencialidade, pois êste não se revela a não ser a partir da unidade referencial pré-descoberta. A obra inclui o complexo referencial no seio do qual se encontra o existente a-predicamental utensílio.

A obra, cuja realização é projetada, possui também a modalidade de ser do existente a-predicamental utensílio. A casa, por exemplo, é um existente a-predi-

camental utensílio destinado a ser habitado; o sapato é um existente a-predicamental utensílio destinado a ser calçado. No Interêsse-Vital encontramos a força propulsora que orienta e de uma certa maneira realiza a obra que portanto é pensada em função de seu objeto. A casa é projetada e atuada porque **serve para...**

Na obra descobrimos não apenas a referência constitutiva do **para quê** (servibilidade) mas descobrimos igualmente uma referência ao material de que se serve. Esta referência revela-nos o **de quê**. Assim, por exemplo, a mesa revela sua matéria, isto é, a madeira, a árvore; ela se refere assim à **natureza**. De forma que é a própria natureza que é descoberta na obra como seu material; ela é co-descoberta no conjunto das referências.

Evidentemente, a natureza pode tornar-se objeto de um conhecimento especial, mas no primeiro momento ela surge na sua relação com o existente a-predicamental utensílio. Pois, a natureza está presente de tal maneira que dirige as próprias exigências da existência do existente-predicamental. O campo, por exemplo, não é um campo qualquer, mas é o campo de trigo que produzirá o pão quotidiano; o bosque é a madeira que produzirá o material da construção, etc.

Mais ainda, a obra não indica apenas o **para quê** e o **de quê** é feita, mas também e correlativamente o **para quem**. De modo que a obra indica igualmente e essencialmente o existente-predicamental, pois existe em função do existente-predicamental, para a comunidade, para um mundo público.

O importante é que o existente a-predicamental (ou seja o **pragma**) enquanto utensílio não está presente primeiramente ao Interêsse Vital: como um simples material, um existente bruto que mais tarde poderá receber uma «forma», uma destinação subjetiva. Muito pelo contrário, é o complexo global de referências fundamentais que revela o ser de todo existente a-predicamental.

D. A referencialidade e a mundaneidade do mundo

Já que o mundo apresenta as características de um complexo global de referências, êle não pode ser considerado como se fôsse um simples agregado de existentes. Pois, êsse complexo antecede a descoberta dos existentes particulares, é o pré-aberto. Donde podemos perguntar, como é que o mundo torna possível o encontro com os existentes, e de modo especial com os existentes a-predicamentais como tais; e porque é que um existente dêste tipo surge primeiramente em face do existente-predicamental.

No que tange ao existente a-predicamental, os dois modos categoriais de referência são a servibilidade, referência típica do existente a-predicamental como tal, e a utilizabilidade, referência típica do material, que apontam para a concretização possível da referência, como podemos concluir daquilo que Heidegger nos diz em ZEIN UND ZEIT, p. 83.

Das wozu einer Dienlichkeit und das Wofür einer Verwendbarkeit zeichnen je die mögliche Konkretion der Verweisung vor.

Aquilo para o qual um existente a-predicamental pode servir, determina a maneira da sua estrutura referencial se concretizar. A característica indicativa de um sinal, por exemplo, é a concretização do para quê da servibilidade — o fato de ser utilizado na construção e na concretização da utilizabilidade da pedra de toque, etc.

O próprio da servibilidade é tornar o existente a-predicamental capaz de **ser apto para...**, e não consiste nas suas «propriedades», que na realidade são algo de secundário, pois dependem da própria servibilidade. Por exemplo, não são as propriedades que fazem com que um martelo seja martelo, e sim a sua referência constitutiva de poder servir para... É só a partir dessa referência que podemos descobrir as propriedades do martelo, que elas se tornam acessíveis à compreensão.

É principalmente quando o existente a-predicamental utensílio não desempenha mais o seu papel próprio, quando não cumpre mais o seu destino, que as suas propriedades específicas nos atraem (pêso, resistência, etc.). É importante lembrar que o existente a-predicamental é utilizado porque possui tal e tal qualidade, pois quando é utilizado pelo existente-predicamental este se conforma à idéia que se faz da destinação do existente a-predicamental. Toda concretização particular do martelo, por exemplo, fundamenta-se no caráter geral que possui o martelo de servir para... É dirigindo nossa atenção sobre a sua destinação, sobre o **para quê** da sua servibilidade que podemos proceder à sua utilização, e no caso à sua fabricação. O caráter constitutivo do existente a-predicamental consiste em **servir para...**

A condição A PRIORI do encontro do existente-predicamental com o existente a-predicamental é o caráter ontológico do **tornar possível** (cf. SEIN UND ZEIT, p. 85):

Dieses «apriorische» Bewendenlassen ist die Bedingung der Möglichkeit dafür, das Zuhandenes begegnet, sodass, das Dasein im ontischen Umgang mit so begegnendem Seienden, es im ontischen Sinne dabei bewenden lassen kann.

O **tornar possível** pode desenvolver-se em diversas esferas, fazendo parecer cada vez um tipo particular de destinação do existente. O tornar possível científico, por exemplo, dar-nos-á um existente cujo tipo de destinação difere do tipo do tornar possível da experiência quotidiana.

O existente a-predicamental não é descoberto em primeiro lugar como um simples existente «bruto»; desde o primeiro encontro, ele se apresenta ao existente-predicamental como um existente intramundano já de posse de uma destinação específica, e não pode apresentar-se a não ser com uma destinação, revelada pelo «tornar possível».

O ser do existente a-predicamental é a sua destinação referencial (ser-destinado-para). Porém, para que a destinação de um existente a-predicamental possa ser descoberta, é preciso que seja pré-descoberto o conjunto das destinações de uma pluralidade de existentes do qual o referido existente faz parte. É precisamente essa pré-descoberta de um complexo de destinações que manifesta o caráter mundano do existente a-predicamental. Mais ainda, o «tornar possível», a descoberta do complexo de destinações que leva ao **para quê** final, fundamenta-se em última análise sobre um visado do existente-predicamental. É neste em **vista de quê** que o existente-predicamental revela o seu «mundo». É a estrutura essencial desse visado que permite o encontro com o existente conforme a modalidade da sua destinação, que constitui a mundaneidade do mundo.

Evidentemente, esse visado não acarreta nenhum significado especial, e sim leva o significado de **abertura para**. É indicativo de um certo comportamento do existente-predicamental e não de uma situação no espaço; indica a maneira do

existente-predicamental comportar-se no meio de um conjunto referencial. Locomovendo-se no meio dessas referências, o existente-predicamental constrói necessariamente um certo **visado** do existente, tornando possível assim o seu encontro. O existente predicamental desvela o existente dentro de uma certa perspectiva, numa determinada direção que é o mundo.

Esse visado só é possível na base da compreensão das referências fundamentais; é o próprio resultado da maneira de exercer essas referências. Portanto, os elementos constitutivos desse conjunto se implicam mutuamente.

Por fim, o mundo não é um existente, e sim aquilo que torna possível toda manifestação do existente. E já que essa possibilidade pertence ao existente-predicamental, podemos concluir que o mundo é um existencial. É precisamente porque o existente-predicamental é necessariamente enviado ao existente que o mundo lhe é aberto.

O existente-predicamental é engajado nas relações do **para quê . . . , a quê . . . , para que fim**. Compreendendo essas relações, fundamentos A PRIORI de sua atividade, o existente-predicamental compreende o seu lugar no meio do conjunto dos existentes; compreende a sua própria existência.

O existente-predicamental na sua familiaridade com a significação desse complexo referencial é a condição ôntica da possibilidade da descoberta do existente que encontramos num mundo sob a forma da destinação e que manifesta assim o seu ser em si. (cf. SEIN UND ZEIT, p. 87):

Das Dasein ist in seiner Vertrantheit mit der Bedeutsamkeit die ontische Bedingung der Möglichkeit der Entdeckbarkeit von Seiendem, das in der Seinsart der Bewandnis (Zuhan-denheit) in einer Welt begegnet und sich so in seinem An-sich bekunden kann.

Se é exato que os existentes a-predicamentais (como o próprio existente-predicamental, aliás) não são senão graças a uma ligação referencial constitutiva, e se é o caso, por outro lado, do existente-predicamental sempre ter uma certa compreensão de se mesmo em-situação no-mundo, então é preciso que algo dêste mundo seja revelado por êste sujeito e êstes objetos, que os constitui no seu ser. Através de tôdas as particularidades dos diversos mundos ao nosso redor deve ser possível alcançar, de qualquer maneira, a forma comum da qual todos surgem.

Vimos que o existente a-predicamental utensílio, o existente a-predicamental objeto intramundano é constituído pelo fato de pertencer a um sistema de relações. Embora esta verdade não seja sempre evidente, há uma série de casos onde se manifesta com uma força singular.

Quando uma necessidade encontra-se bloqueada pela perda, a deteriorização ou o estrago dos instrumentos necessários, a deficiência dos utensílios é acompanhada instantaneamente de uma ruptura geral das nossas possibilidades de ação. Entendemos, então, que êste utensílio não existe senão por sua inserção num meio de referências, como já mostramos, conjunto êste bem complicado. O mínimo corte nestas relações perturba tôdas as nossas possibilidades de ação. Daí vemos ser preciso que um novo sistema seja construído para que possamos operar. O ser do existente a-predicamental é um entrelaçamento de referências, e estas referências

integram-se num determinado conjunto, embora não seja a única combinação possível. Pois, todo sistema de referências apresenta-se dentro deste todo, que é o mundo. De certo, a experiência da desorientação não nos revela ainda o sentido do mundo como tal, porém nos deixa presumir que há um mundo.

Vemos, então, que as referências, constitutivas do existente a-predicamental são determinadas pelo lugar que ocupa este existente num sistema global, sistema que existe para o existente-predicamental. No entanto, o existente-predicamental não existe para o sistema, embora lhe seja existencialmente ligado.

Já mostramos que o existente-predicamental existe como poder-ser, como fonte de possibilidades. Ora, são exatamente estas possibilidades que dão origem ao sistema de referências, o qual, enquanto **todo** é o mundo. Pela multiplicidade de suas possibilidades, o existente-predicamental cria este sistema graças ao qual todas as coisas existem doravante para nos inteligivelmente.

O sistema traçado por nossas possibilidades confere um sentido às coisas colocando-as numa totalidade inteligível, que chamamos de o mundo. O existente-predicamental é fonte de possibilidades, criador de inteligibilidade e de ser, e o resultado dessa criatividade é o mundo. Enfim, o existente-predicamental existe no mundo, porque projeta necessariamente suas possibilidades para a frente de si.

O mundo no seu ser profundo é a simples transcrição objetiva e o campo unificado das possibilidades do existente-predicamental. É o sentido global que minhas possibilidades projetam sobre o fundo obscuro e nudo de sentido das realidades brutas, o que nos permite entender melhor o fato de o existente-predicamental dar significado ao mundo. A unidade que os existentes a-predicamentais intramundanos tiram da sua integração no mundo provém, em última análise, das possibilidades do existente-predicamental, das quais estes e o mundo são, de uma certa maneira, a projeção.

A unidade dos existentes intramundanos, isto é, o próprio mundo, origina-se no fato do ser (isto é, a inteligibilidade) ser conferido a estes existentes pelo próprio ser do existente-predicamental.

É só a partir do estar-no-mundo do existente-predicamental que podemos entender a mundaneidade do mundo. A «natureza» como termo categorial que envolve as estruturas do ser de um determinado existente intramundano nunca poderá tornar compreensível a mundaneidade.

«Natur» als der katagoriale Inbegriff von Seinstrukturen eines bestimmten innerweltlich begegnenden Seienden vermag nie **Weltlichkeit** verständlich zu machen. SEIN UND ZEIT, p. 65.

«Welt» ist ontologisch keine Bestimmung **des** Seienden, das wesentlich das Dasein **nicht** ist, sondern ein Charakter des Daseins selbst». Ibid. p. 64.

(a ser continuado)